

Deslocamentos da vitalidade: esperança entre e além da história.

Uma leitura de “*Memórias póstumas de Brás Cubas*” em perspectiva interdisciplinar.

Alessandro Rodrigues Rocha¹

Resumo

As ciências encontram-se num momento fronteiro, onde dialogar se constitui em seu maior desafio. Esse é o tempo da interdisciplinaridade, da multidisciplinaridade, da transdisciplinaridade. Espera-se dos intelectuais das diversas áreas do conhecimento o desenvolvimento de uma subjetividade aberta, onde a alteridade conste como espinha dorsal dos esforços de pesquisa. Alteridade que permita a superação das fronteiras disciplinares em nome da construção de discursos integradores da complexidade da vida. Nesse sentido, propomos para este artigo um exercício interdisciplinar (filosofia, teologia, literatura) que discuta a vitalidade e o desejo de infinitude que povoam a história do pensamento humano, destacando, sobretudo sua agudeza moderna.

Palavras-chave

Interdisciplinaridade – Machado de Assis – Gianni Vattimo.

Abstract

The sciences are in a border point, where the dialogue is at its greatest challenge. This is the time of interdisciplinarity, multidisciplinarity, transdisciplinarity. It is expected of intellectuals from different fields of knowledge to develop an open subjectivity, where the otherness recorded as the backbone of the research efforts. Otherness that allows to overcome disciplinary boundaries in the name of the construction of discourses integrating the complexity of life. Therefore, we propose for this article a year interdisciplinarity (philosophy, theology, literature) to discuss the vitality and the desire for infinity that populate the history of human thought, emphasizing particularly its sharpness modern.

Keywords

Interdisciplinarity - Machado de Assis - Gianni Vattimo.

Introdução

Pensar filosófica e epistemologicamente a teologia na dinâmica do diálogo com literatura é ao mesmo tempo uma oportunidade e um desafio. É uma oportunidade de ampliar o seu campo semântico, seu universo temático e suas estruturas

epistemológicas. No interior dessa oportunidade, encontra-se também um desafio: superar o autocentramento sobre o qual a teologia se encontra.

Em função da realidade de seu objeto e da longa tradição univocizante que a teologia percorreu, foi gerado um sentimento de superioridade diante das demais formas de responder à realidade que colocam a teologia – ao menos aos seus olhos – num lugar de exclusividade diante de um possível discurso sobre questões últimas.

Esse autocentramento exclusivista vive uma relação de retro-alimentação com estruturas e discursos totalizantes que acabam por colocar a teologia numa dinâmica de fechamento e autoritarismo. Superar esse jogo perverso é fundamental para a teologia no processo de afirmação de sua relevância.

Pretendemos desenvolver uma reflexão que assuma a necessária tarefa do diálogo interdisciplinar (filosofia, teologia, literatura) no sentido de perceber a complexidade da existência, destacando, sobretudo, as dimensões da vitalidade e do desejo de infinitude.

Para realizar tal tarefa faremos uma crítica filosófica à epistemologia teológica autocentrada – fundada sobre os cânones da metafísica –; uma proposição epistemológica capaz de possibilitar a superação desse autocentramento; e, uma aplicação dessa proposição num diálogo com a obra de Machado de Assis *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

1 - Libertação da metáfora e *pensiero debole*.

Com relação à possibilidade de crer, aberta pela declaração nietzschiana da morte de Deus, Gianni Vattimo começa dizendo:

O anúncio de Nietzsche, segundo o qual “Deus morreu”, não é tanto, ou principalmente, uma afirmação de ateísmo, como se ele estivesse dizendo: Deus não existe. Uma tese do gênero, a não-existência de Deus, não poderia ter sido professada por Nietzsche, pois do contrário a pretensa verdade absoluta que esta encerraria ainda valeria para ele como um princípio metafísico, como uma “estrutura” verdadeira do real que teria a mesma função do Deus da metafísica tradicional.²

¹ Pós-doutorando em teoria da literatura PUC-RIO, doutor em teologia PUC-RIO, pesquisador da Cátedra UNESCO de leitura da PUC-RIO.

² VATTIMO, Gianni. *Depois da Cristandade*. São Paulo, Record. P.9.

De forma muito simplificada, creio poder dizer que a época na qual vivemos hoje, e que com justa razão chamamos pós-moderna, é aquela em que não mais podemos pensar a realidade como uma estrutura ancorada em um único fundamento, que a filosofia teria a tarefa de conhecer e a religião, talvez, a de adorar.³

Contrário a toda negação que faz a metafísica quanto à legitimidade do múltiplo, do plural, o pensamento de Vattimo possibilita encontrar no pluralismo um princípio, além de legítimo, fecundo para a expressividade da fé. Cessa-se a negação da existência (e suas formas de manifestação) como não-ser e a tendência de afirmar estruturas essenciais.

Com base na experiência do pluralismo pós-moderno, podemos somente pensar o ser como um evento, enquanto a verdade não mais pode ser o reflexo de uma estrutura eterna do real e sim uma mensagem histórica que devemos ouvir e à qual somos chamados a dar uma resposta. Uma tal concepção da verdade não é válida apenas para a teologia e a religião, mas, igualmente, para grande parte das ciências hoje⁴.

É na dimensão do plural que se pode recuperar a legitimidade do múltiplo, que desde o encontro do cristianismo com a cultura helênica vinha sendo negado, ou identificado como heresia. Isso cria novos espaços de expressividade onde a experiência da fé pode ser comunicada. Espaços onde a teologia pode ser pensada para além dos cânones estritos da doutrina. Surge, então, um outro lugar – existencial e literário – onde o outro, o diferente, pode afirmar-se.

O resultado mais original da leitura que Vattimo faz da morte de Deus em Nietzsche e da decorrente libertação da metáfora é o *Pensiero Debole*. A proposta teórica de Vattimo, quanto ao *Pensiero Debole*, procura uma interpretação do mundo pós-moderno, nas formas de secularização, na evolução dos regimes democráticos, o pluralismo e a tolerância. Fortemente marcado por sua formação religiosa, no seu livro *Credere di Credere* reivindicou seu próprio pensamento, que qualifica de “filosofia cristã para a pós-modernidade⁵”. Neste mesmo livro, quando fala do pensamento fraco afirma o seguinte:

“Pensamento débil” (...) significa não tanto, ou não essencialmente, uma ideia do pensamento mais consciente dos seus limites, que abandona as pretensões das grandes

³ Ibidem. P.11.

⁴ Ibidem. P.13.

⁵ VATTIMO, Gianni. *Acreditar em Acreditar*. Lisboa, Editora Relógio D'água.

visões metafísicas globalizantes, etc.; mas, sobretudo uma teoria do debilitamento como traço constitutivo do ser na época do fim da metafísica⁶.

O pensamento fraco, que opera numa época hermenêutica, pode oferecer à teologia um retorno radical à sua condição dialogal. Com o horizonte marcado pela libertação da metáfora, o “pensamento fraco” oferece à experiência da fé cristã a pesada oportunidade de recuperar sua historicidade, e com ela a única forma de ser universal: sendo situada nas últimas consequências do que isso significa.

Isso coloca diante da tradição cristã um chamado à conversão, um apelo ao abandono de estruturas epistemológicas objetivas e objetivantes, onde a experiência da fé é esvaziada de sua fertilidade, para servir tão somente como argumento de plausibilidade diante de uma impossível teodicéia.

Para Vattimo, entramos em um cenário onde a realidade é representada. Nele vemos a marca da superação da modernidade dirigida pelas concepções unívocas dos modelos fechados, das grandes verdades, de fundamentos consistentes, da história como pegada unitária do acontecer. A pós-modernidade abre o caminho à tolerância e à diversidade. É o passo do pensamento forte, metafísico, das cosmovisões filosóficas totalizantes, das crenças verdadeiras, ao pensamento fraco.

2 – Religião e Arte num universo hermenêutico. Uma relação ambígua na dinâmica da secularização.

No sentido de tirar as consequências para a relação religião/arte (mais especificamente no campo da literatura) da tese do enfraquecimento do ser que observamos na trajetória - morte de Deus, libertação da metáfora, pensamento fraco - recorreremos à discussão que Vattimo⁷ faz sobre a expressão artística como lugar de verdade⁸.

⁶ Ibidem. P. 25.

⁷ Para a discussão da arte como lugar de verdade ver as seguintes obras de Gianni Vattimo: *Para além da interpretação: o significado da hermenêutica para a filosofia*. Rio de Janeiro, Tempo brasileiro. Pp. 67-110. *A sociedade transparente*. Lisboa, Relógio D'água. Pp. 51-66. *As aventuras da diferença*. Lisboa, Ed. 70. Pp. 95-118. *O fim da modernidade. Nilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. São Paulo, Martins Fontes. Pp. 39-108. *Poesia e ontologia*. Milão, Murcia.

⁸ Em função do caráter introdutório que essa temática tem em nosso trabalho, trabalharemos parte da bibliografia supracitada, sobretudo *Para além da interpretação*, onde o tema da hermenêutica é privilegiado.

Em seu livro *Para além da interpretação. O significado da hermenêutica para a filosofia*, Vattimo mostra que a superação do pensamento forte (estabilidade do ser) fundado na metafísica, acontece no horizonte da afirmação da pós-modernidade como uma era hermenêutica onde se pode dizer o ser como devir, a partir do pensamento fraco⁹. Essa passagem do pensamento forte ao pensamento fraco, opera uma crítica às meta-narrativas universalizantes, bem como aos discursos autorizados que naturalizam sua autoridade através do recurso à metafísica.

Pensando especificamente a relação entre modernidade e arte, Vattimo mostra que na perspectiva do pensamento forte a arte foi reduzida a simples objeto de contemplação, sendo a hermenêutica aquela que encontrou na expressão artística um lugar da verdade, não mais como apreensão da realidade pelo intelecto, mas em sua irreduzível condição de interpretação.

Na sua versão *standart*, a hermenêutica significou para a estética a recuperação da atenção para com a arte como experiência de verdade, contradizendo uma tradição, consolidada na modernidade, geralmente indicada como kantiana e, sobretudo, neokantiana, que concebeu a estética como teoria de especificidade da experiência da arte e como exaltação daquilo que Gadamer, em *Verdade e Método* chamou da “diferenciação estética”¹⁰.

Seguindo a teoria gadameriana da arte como lugar de transformação daquele que com ela faz uma experiência¹¹, juntamente com a máxima nietzschiana de que não há verdade, somente interpretações, Vattimo pensa a obra de arte como verdade hermenêutica. No horizonte das experiências que homens e mulheres têm em seus inapeláveis pertencimentos histórico-culturais, a relação com a obra de arte se apresenta como lugar de verdade.

É certo que, uma vez que se tenha apreendido todo o alcance da crítica gadameriana da consciência estética (...) perde-se todo o interesse pelas estéticas ‘sistemáticas’, que se obstinam em definir o específico da experiência da arte e em tirar daí critérios de avaliação, ou até mesmo bases para um reordenamento da experiência à luz de uma concepção da filosofia entendida, kantianamente, como reflexão sobre as condições de possibilidade. A estética não pode mais ser, desde esse ponto de vista, reflexão sobre puras e simples condições transcendentais de possibilidade de experiência da arte e do

⁹ VATTIMO, Gianni. *Para além da interpretação. O significado da hermenêutica para a filosofia*. Rio de Janeiro, Tempo brasileiro. No capítulo um (A vocação niilista da hermenêutica) Vattimo trabalha esse tema com maior profundidade. Pp. 11-28.

¹⁰ Ibidem. P. 93.

¹¹ Cf. Ibidem. P. 94.

belo, e sim deve fazer-se escuta da “verdade” que se abre nas obras. Mas como atuará esta escuta?¹².

“Fazer escuta da verdade que se abre nas obras de arte”, esse é propriamente o projeto vattimaniano que se constrói sobre o pensamento fraco. Sendo a obra um lugar de encontro e transformação há de se ter com ela uma relação, não no nível simplesmente intelectual, mas, antes, no nível ontológico. Como afirma Vattimo respondendo à questão: “Mas como atuará esta escuta?”:

Já indiquei que dificilmente pode-se identificá-la com um genérico esforço de extrair “verdades” filosóficas, existenciais, etc.(...)

A verdade, em resumo, não pode ser pensada pela hermenêutica no modelo do enunciado; além do mais, também aquela experiência de verdade que acontece na base de um enunciado (...) é tal, só enquanto transforma quem por ela é envolvido. Então, descobrir a verdade da arte não pode significar nem mesmo de longe ‘traduzir em prosa’ a poesia, extrair enunciados das obras pictóricas, etc.¹³.

A experiência de verdade que se pode fazer numa obra de arte recebe contornos religiosos, não no sentido da religião marcada pela preocupação apologética, antes, da religião como lugar privilegiado para o encontro com aquilo que importa incondicionalmente àquele que nela experimenta a realidade. Como afirma Rossano Pecoraro:

O encontro com a obra de arte, com uma visão de mundo “outra” que nos invade, nos sacode, ou simplesmente nos enriquece, representa o sentido da experiência do verdadeiro que se cumpre na arte e também, em uma acepção mais geral, na esfera do conhecimento filosófico e histórico¹⁴.

Essa experiência que transforma, invade, sacode, enriquece... contorna a verdade com traços fracos, bem diferentes daqueles das epistemologias ligadas à metafísica. Nesse sentido a experiência com a obra de arte em geral e, com a literatura em especial, ganha em uma cultura secularizada o *status* que era basicamente de propriedade da religião, sobretudo em sua dimensão mística. Como argumenta o próprio Vattimo:

É provável que, como já se teve ocasião de observar, a secularização estabeleça entre a arte e a religião uma complexa relação de ação recíproca (...). Secularização, entretanto, consiste evidentemente no fato de que não existe mais um único horizonte

¹² Ibidem. P. 99.

¹³ Ibidem 100.

¹⁴ PECORARO, Rossano. *Nilismo e (pós)modernidade. Introdução ao “pensamento fraco” de Gianni Vattimo*. Rio de Janeiro, Editora PUC & Loyola. P. 86.

compartilhado, e, portanto, que a experiência da arte como mitologia e religião racional é essencialmente uma ‘experiência plural’¹⁵.

O que Vattimo chama de “complexa relação de ação recíproca” entre arte e religião, permite tanto que a arte se afirma como lugar de encontro e transformação, quanto que a religião recupere sua condição de *locus* experiencial polissêmico.

Pode-se imaginar que a consciência do indivíduo de derivação entre arte e religião toque também, em qualquer sentido, nos modos de experiência religiosa atualmente? Se a arte pudesse descobrir a sua essencialidade, tornando-se consciente do próprio estatuto de religião secularizada, a religião poderia encontrar nessa ligação uma razão para pensar em si mesma em termos menos dogmáticos e disciplinares, mais ‘estéticos’, mais de acordo com aquela terceira idade, a ‘idade do espírito’ (...). Estamos ainda neste ponto, e não existe razão alguma para se envergonhar¹⁶.

Esse horizonte hermenêutico que serve à pós-modernidade como pano de fundo opera ao mesmo tempo uma secularização da religião e uma sacralização da expressão artística, que pode possibilitar um diálogo entre as duas instâncias. Religião e arte se iluminam mutuamente numa dinâmica complexa de formação de novos lugares de verdade, onde a experiência e o encontro são os elementos para a formação de certa espacialidade (fraca) onde se dá a realização do ser.

Nesse sentido se torna relevante a proposição de um diálogo entre a teologia (expressão teórica da religião) e a literatura (dimensão privilegiada da arte e lugar fértil de produção de sentido), buscando na segunda as expressões que anteriormente só seriam legítimas se encontradas na primeira. Literatura como lugar de verdade teológica, de uma verdade não dada dogmaticamente como discurso de estabilidade, mas, ao contrário, uma verdade que revela as questões últimas da realidade, apresentadas numa dinâmica tão heterogênea que pode inclusive sugerir o avesso daquilo que a própria teologia, baseada em suas regras, poderia afirmar.

Esse diálogo complexo de afirmações e negações é o que queremos desenvolver nos contornos narrativos de Brás Cubas, onde a vitalidade, que outrora era própria das regiões celestiais, é afirmada e desejada de tal forma que só pode ser realizada à medida que se possa viver alguns outros poucos instantes além daqueles que a vida propiciou.

¹⁵ VATTIMO, Gianni. *Para além da interpretação*. P. 106.

¹⁶ *Ibidem*. P. 107.

3 – Desejos de vitalidade. Novos lugares para a plenificação da vida. Ou: ‘por um novo céu e uma nova terra’... Só que aqui e agora!

Da linda pátria estou mui longe,
Triste eu estou;
Eu tenho de Jesus saudade;
Quando será vou?
Passarinhos, belas flores
Querem me encantar.
**Oh, vãos terrestres esplendores,
Não quero aqui ficar!**

Jesus me deu fiel promessa,
Vem me buscar;
**Meu coração está com pressa,
Eu quero ao céu voar.**
Meus pecados são mui grandes,
E culpado sou,
Mas o seu sangue põe-me limpo,
E para a pátria vou.

Qual filho do seu lar saudoso,
Eu quero ir;
Qual passarinho para o ninho,
Eu quero ao céu subir.
Sua vinda ao mundo é certa,
Quando, não o sei;
Mas ele me achará alerta,
E para o céu irei¹⁷.

- Chama-me Natureza ou Pandora; sou tua mãe e tua inimiga (...)¹⁸

- Creio; eu não sou somente a vida; sou também a morte, e tu estás prestes a devolver-me o que te emprestei. Grande lascivo, espera-te a voluptuosidade do nada.

Quando esta palavra ecoou, como um trovão, naquele imenso vale, afigurou-se-me que era o **último som que chegava a meus ouvidos**; pareceu-me sentir a **decomposição súbita de mim mesmo**. Então, **encarei-a com olhos súplices, e pedi por alguns anos**.

- Pobre minuto! – exclamou. – Para que queres tu mais alguns instantes de vida? Para devorar e seres devorados depois? Não está farto do espetáculo e da luta?¹⁹

(...) Que mais queres tu sublime idiota?

¹⁷ *CANTOR CRISTÃO*, número 484. Rio de Janeiro, Juerp. Grifo nosso. O Cantor Cristão é um hinário utilizado pelas igrejas Batistas no Brasil. Seus 581 hinos são traduções, versões e composições feitas no Brasil inspiradas no protestantismo norte-americano dos séculos XVIII e XIX. Há uma cessão específica de hinos intitulada “A vida futura”, que é marcada por forte pessimismo histórico, ascetismo e, desejo da “pátria celeste”. Esses traços representam bem certa escatologia cristã, nesse caso protestante, mas não somente. Também a tradição católica tem traços escatológicos pessimistas que marcam acentadamente o desprezo e a fuga do mundo. Para isso ver DELUMEAU, Jean. *O pecado e o medo. A culpabilização no Ocidente (séculos 13-18)*. São Paulo, EDUSC. 2003.

¹⁸ ASSIS, Machado. *Memória póstumas de Brás Cubas*. Porto Alegre, L&PM. P. 26. Grifo nosso.

¹⁹ *Ibidem*. Grifo nosso.

- **Viver somente, não te peço mais nada.** Quem me pôs no coração esse amor da vida, senão tu? E, se eu amo a vida, por que te hás de golpear a ti mesma, matando-me?²⁰.

Elegemos o tema da escatologia²¹ para penetrar em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, mais especificamente no coração de sua personagem central²² e, em suas relações de afirmação e desejo de vitalidade. O elemento escatológico que apontamos como o centro de nossa abordagem à narrativa de Brás Cubas, encontra-se apresentado ao avesso do que tem sido a apresentação da escatologia pelo cristianismo oficial²³. O tema da escatologia afirmado por Brás Cubas é o mesmo da teologia representativa do cristianismo oficial, porém o lugar de sua realização é que se encontra radicalmente deslocado²⁴.

3.1 - O tema da escatologia: a afirmação da vida.

Partindo dos dois textos apresentados como epígrafe desse capítulo fazemos uma relação buscando a semelhança temática entre eles²⁵.

...Da linda pátria estou mui longe,
Triste eu estou;...

...afigurou-se-me que era o último som que chegava a meus ouvidos...

²⁰ Ibidem. P. 27. Grifo nosso.

²¹ Escatologia. Do Grego *escathos*, últimas coisas + *logia*, discurso racional. Estudo sistemático das doutrinas relacionadas às últimas coisas. Um dos tratados da Dogmática cristã. Para aprofundar ver; LATOURELLE, René & FISICHELLA, Rino (orgs.) *Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis, Vozes. 1994. Pp. 260-262.

²² A partir daqui mencionaremos somente as personagens do romance machadiano, compreendendo-as dentro de seu universo literário, não como expressões ficcionais, antes, como sujeitos representativos de uma realidade a ser lida e, em nosso caso, lida teologicamente.

²³ No cristianismo oficial (doutrina sustentada tanto pela pregação, quanto pelos catecismos das diversas vertentes cristãs) a abordagem aos temas da escatologia se resume ao destino último dos homens e mulheres após a morte. Temas como céu e inferno, castigo e recompensa, eternidade e destruição, são os preferidos dessa matriz do cristianismo. Essa realidade pode ser facilmente comprovada numa breve leitura em um dos diversos manuais de teologia sistemática.

²⁴ Ao longo dos séculos XVIII e XIX, sobretudo em função da afirmação da teologia liberal, a escatologia sofreu uma ampla revisão. Devido ao diálogo franco que a teologia liberal travou com o racionalismo moderno, a cosmovisão subjacente à escatologia oficial foi colocada em suspeição. Em suma, toda esperança num mundo porvir foi deslocada para os limites espaço-temporais de um mundo que não mais admitia o recurso ao sobrenatural. Nosso ensaio sugere que a escatologia “pregada” por Brás Cubas opera nessa lógica do mundo secularizado do século XIX.

²⁵ A escolha do hino 484 do *Cantor cristão* e do trecho do capítulo XII (*O delírio*) de *Memórias póstumas* tem a intenção de marcar, mesmo correndo o risco de caricaturização, as expressões teológico-doutrinária e teoliterária diante de um tema ligado à expressão da fé.

**...Meu coração está com
pressa,
Eu quero ao céu voar...**

**...Viver somente, não te
peço mais nada...**

O tema da vida, da afirmação de uma plenificação da vida, é comum aos textos. A “saudade da linda pátria” ou o terror do “último som que chegava aos ouvidos”, evidenciam o desejo pela permanência/plenificação da vida. A “pressa do coração” em ir para o céu e, o pedido para “viver somente”, desnudam corações sedentos de longevidade, de vitalidade.

Viver, viver mais e mais profundamente. Romper com interditos colocados como limites para a plenificação da potência de ser. Transcender – para qualquer que seja a direção – esse é o desejo radicalmente humano revelado tanto pelo compositor apressado por se desvencilhar das amarras da materialidade, quanto por Brás Cubas que se encontra diante da grande “Natureza” suplicando por não ver findar seus, sem não mais poder sorver do néctar da boa vida mundana.

3.2 – O lugar de realização escatológica: “onde está o seu tesouro lá está o seu coração²⁶”.

**Não quero aqui ficar!
Eu quero ao céu voar.
Eu quero ir;
Eu quero ao céu subir.**

**...encarei-a com olhos
súplices, e pedi por alguns
anos.
Viver somente, não te
peço mais nada...**

No que diz respeito ao lugar de realização do desejo escatológico (último) de viver plenamente, as duas narrativas se distanciam radicalmente. A primeira, que representa certa expressão da teologia oficial ou eclesiástica dirige todo o anseio de vitalidade ao céu. A insistência em “não querer ficar” na terra, a desconfiança nos seres belos (pássaros, flores) e encantadores que na verdade são “vãos terrestres esplendores”, está em total contraposição à segunda narrativa. Nela vemos Brás Cubas suplicando à Pandora por mais “alguns anos de vida”. Todo o desejo de viver, toda a afirmação da vitalidade, como expressões escatológicas, estão dirigidas à mundanidade. É isso que percebemos no súplice Brás Cubas: “Viver somente, não te peço mais nada”.

²⁶ Evangelho de Mateus 6, 21. TEB – Tradução Ecumênica da Bíblia.

O tesouro de Brás Cubas é composto pelas delícias do viver e, nessas delícias ele lança seu coração no sentido de realizar sua missão dada pela própria “Natureza”: “Quem me pôs no coração esse amor da vida, senão tu [Pandora/Natureza]? E, se eu amo a vida, por que te hás de golpear a ti mesma, matando-me?”.

Esse diálogo dramático de Brás Cubas com a “Natureza” – com a secularizada fonte da realidade – revela o desejo da vitalidade que não se contenta mais com delícias e prazeres etéreos, bênçãos e fortunas celestes. Brás Cubas tem a coragem de assumir que suas esperanças estão nos beijos amados de suas amadas²⁷, nos elogios frívolos dos amigos²⁸, nas fugazes experiências que os enormes instantes podem oferecer. Brás Cubas sabe onde está o seu tesouro...

3.3 – As “Jóias” do tesouro de Brás Cubas: ou o caminho da plenificação da vida.

O Reino dos céus é comparado a um tesouro que estava escondido num campo e que um Homem descobriu: ele o esconde novamente, e, em sua alegria, vai, põe a venda tudo o que tem e compra aquele campo.

O Reino dos céus ainda é comparável a um comerciante que procurava pérolas finas.

Tendo encontrado uma pérola de grande valor, foi vender tudo o que tinha e comprou-a²⁹.

Pensando a narrativa de Brás Cubas na perspectiva de uma escatologia secularizada, onde o mundo é lugar de plenitude de vida, fica evidente como a arte (nesse caso literária) lida com temas últimos, numa abordagem não dogmática, e, portanto, aberta aos apelos da cultura e da história. A vitalidade escatológica de Brás Cubas pode ser vista, numa teoliterária, como representação teológica (num exercício de pensamento fraco) a um contexto marcado pela secularização, porém, igualmente desejoso da afirmação da vida.

O sagrado – e a teologia (mesmo aquela marcada pelo dogmatismo) também crê nisso – é a vida. O último, o incondicional, é a vida realizada. Se no limite da existência, ou no

²⁷ Marcela e Virgília. Ver capítulos XIV – XV e XXVII – XXVIII.

²⁸ Os onze amigos que choraram sua morte, mais algumas pessoas e três senhoras. Um dos amigos tece o seguinte elogio ao defunto: “Vós, que o conhecestes, meus senhores, vós podeis dizer comigo que a natureza parece estar chorando a perda irreparável de um dos mais belos caracteres que tem honrado a humanidade”. ASSIS, Machado. *Memória póstumas de Brás Cubas*. Porto Alegre, L&PM. P. 15.

²⁹ Evangelho de Mateus 13. 44-46. TEB – Tradução Ecumênica da Bíblia.

extrapolamento desta rumo a uma essencialidade pretendida, é um problema para dimensão metodológica da teologia. O que se pode dizer, partindo da abordagem vatimaniã que assumimos, é que a narrativa de Brás Cubas assume uma dimensão teológica à medida que propõe como fio condutor de seu enredo um tema de interesse último e incondicional.

Brás Cubas anseia ver um “novo céu e uma nova terra³⁰”, porém ele deseja isso olhando do fim para o começo. O “novo céu e a nova terra” constituem a nova possibilidade de sorver uma gota a mais da vida perdida. Esse desejo de vitalidade é escatológico. Essa vitalidade é o “tesouro”, a “pérola perdida”, que merece todo o empenho para sua recuperação. A saga de Brás Cubas para possuir (novamente) a pérola de grande valor é a saga do homem secularizado no sentido de afirmação das potencialidades da vida.

Brás Cubas, o narrador defunto³¹, fala de sua vida com a saudade de quem encontrou um grande tesouro que não pode abandonar. Propõe o seguinte dilema familiar para ilustrar ironicamente a questão:

Um tio meu, cônego de prebenda inteira, costumava dizer que o amor da glória temporal era a perdição das almas, que só devem cobiçar a glória eterna. Ao que retorquia outro tio, oficial de um dos antigos terços de infantaria, que o amor da glória é a coisa mais verdadeiramente humana que há no homem, e, conseqüentemente, a sua genuína feição. Decida o leitor entre o militar e o cônego; eu volto ao emplasto³².

O emplasto do qual Brás Cubas faz menção, fora o motivo de sua morte. De tal forma se entregou a descobrir “um emplasto anti-hipocondríaco, destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade³³”, que se descuidou totalmente da saúde, acabando por morrer de pneumonia³⁴.

³⁰ Apocalipse 21.

³¹ Um narrador que fala a partir do lugar da morte pode ser compreendido, em perspectiva de uma escatologia secularizada, como uma ironia à tradição cristã quanto à impossibilidade de comunicação dos mortos. O texto de Hebreus 9.27 diz o seguinte: “E como destino dos homens é morrer uma só vez – após o que vem o julgamento”. TEB – Tradução Ecumênica da Bíblia.

³² ASSIS, Machado. *Memória póstumas de Brás Cubas*. Porto Alegre, L&PM. P. 17.

³³ *Ibidem*.

³⁴ Sugestiva é a causa morte de Brás Cubas. Pneumonia tem sua raiz semântica na palavra grega *pneuma*, que é a mesma palavra utilizada no Novo Testamento para o Espírito Santo. Desde a tradição veterotestamentária, o espírito era o responsável pela vida. Sem o espírito não havia vida. Como diz o Salmo 104, 29-30: “Retoma-lhes o sopro [espírito], morrem e voltam ao pó. Envias o teu sopro [espírito], são criados, renovas a superfície da terra”. TEB – Tradução Ecumênica da Bíblia.

Do lugar da morte, Brás Cubas lembra das “joias” que constituíram seu tesouro. Eram duas basicamente: Marcela e Virgília³⁵. Diante delas todas as demais pedras preciosas tinham valor relativo. Sobre Marcela o erótico defunto narrador lembra:

A que me cativou foi uma dama espanhola, Marcela, a “linda Marcela”, como lhe chamavam os rapazes do tempo³⁶.

Marcela não possuía a inocência rústica, e, mal chegava a entender a moral do código. Era boa moça, lépida, sem escrúpulos, um pouco tolhida pela austeridade do tempo, que lhe não permitia arrastar pelas ruas os seus estouvamentos e berlindas; luxuosa, impaciente, amiga de dinheiro e de rapazes³⁷.

Marcela foi uma “joia” de grande valor no tesouro de Brás Cubas. Seu coração esteve em Marcela, essa moça amante do dinheiro e dos rapazes, e o dela com ele – ao menos durante o tempo em que o rapaz Brás Cubas teve dinheiro. “(...) Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos nada mais³⁸”. Os “onze réis” foram bem pagos por esse “comerciante de pedras preciosas”. Sobre ela ele disse com grande pesar: “O mundo para mim era Marcela³⁹”.

O tesouro de Brás Cubas, porém, não se fez de uma só “joia”. O grande lascivo⁴⁰ teve também Virgília. Sobre ela o defunto diz:

Era bonita, fresca, saía das mãos da natureza, cheia daquele feitiço, precário e eterno, que o indivíduo passa a outro indivíduo, para os fins secretos da criação. Era isto Virgília...⁴¹.

Virgília foi seu grande amor. Um amor forte e voluptuoso. Sobre esse amor Brás Cubas disse: “Há umas plantas que nascem e crescem depressa; outras são tardias e pecas. O nosso amor era daquelas; brotou com tal ímpeto e tanta seiva que, dentro em pouco, era a mais vasta, folhuda e exuberante criatura dos bosques⁴²”.

³⁵ Douglas da Conceição em sua tese de doutoramento em Ciências da Religião, fala de Marcela e Virgília como estações da vida em processo de afirmação. *Para uma poética da vitalidade: religião e antropologia machadiana (Uma leitura de Memórias póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis)*. Tese defendida na UMESP em Março de 2007.

³⁶ ASSIS, Machado. *Memória póstumas de Brás Cubas*. Porto Alegre, L&PM. P. 143.

³⁷ *Ibidem*.

³⁸ *Ibidem*. P. 48.

³⁹ *Ibidem*. P. 53.

⁴⁰ Cf. *Ibidem*. P. 27.

⁴¹ *Ibidem*. P. 68.

⁴² *Ibidem*. p. 99.

Brás Cubas perdeu também Virgília. Perdeu-a para outro. Perdeu-a para um casamento⁴³. Porém, ao encontrá-la depois de casada, após uma valsa que mais se parecia com a descrição de um êxtase espiritual, Brás Cubas entregando-a a outro cavalheiro não se conteve, dizendo a si mesmo: “É minha!”⁴⁴. Desse amor de “tanta seiva” surgiu uma “oração de fertilidade”, uma canção litúrgica para a celebração da vida plenificada, um hino espiritual da escatologia secularizada. Brás Cubas o apresenta como “O velho diálogo de Adão e Eva”.

BRÁS CUBAS

.....?

VIRGÍLLA

.....

BRÁS CUBAS

.....

VIRGÍLIA

.....!

BRÁS CUBAS

.....

VIRGÍLIA

.....

.....?

.....

BRÁS CUBAS

.....

VIRGÍLIA

.....

BRÁS CUBAS

.....

.....

.....!

.....

⁴³ No Capítulo L (Virgília casada) Brás Cubas narra o encontro que tivera com Virgília. ASSIS, Machado. *Memória póstumas de Brás Cubas*. Porto Alegre, L&PM. P. 94.

⁴⁴ ASSIS, Machado. *Memória póstumas de Brás Cubas*. Porto Alegre, L&PM. P. 94.

.....!

.....

.....!

VIRGÍLIA

.....?

BRÁS CUBAS

.....!

VIRGÍLIA

.....!⁴⁵

O tesouro de Brás Cubas eram suas “joias”; seu coração pertencia a esse tesouro. Por isso nem a morte pôde conter tamanha voluptuosidade. Esta era a força de todo desejo de trans-decendência que animava o defunto. Essa era a razão da súplica à “Natureza” por mais vida.

Essa afirmação escatológica da plenificação da vida guardou lugar para uma desilusão e um lamento. Ambos em função da impossibilidade de permanecer vivendo. A desilusão se deu por não conseguir terminar o bendito emplasto que lhe daria tão grande notoriedade e fama:

Divino emplasto, tu me daria o primeiro lugar entre os homens, acima da ciência e da riqueza, porque era a genuína e direta inspiração do Céu. O caso determinou o contrário; e aí vos ficais eternamente hipocondríacos⁴⁶.

O lamento de Brás Cubas está radicalmente ligado ao seu desejo de vitalidade, ao término da narração de sua escatologia ele conclui:

Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto. Não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto. Mais; não padeci a morte de Dona Plácida, nem a semidemência de Quincas Borba. Somadas umas coisas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve mingua nem sobra, e conseqüentemente que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque, ao chegar a esse outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa desse capítulo de negativas: “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria⁴⁷”.

⁴⁵ Ibidem. P. 100-101.

⁴⁶ Ibidem. P. 209.

⁴⁷ Ibidem.

Enfim a jornada escatológica de Brás Cubas chega ao seu ponto ômega. Como toda jornada, a dele também foi marcada por sucessos e fracassos. Longe de ser um herói de páginas sagradas ele viveu fiel ao seu coração. Um coração lascivo que via na vida o único caminho de plenitude. Certamente não há tantos feitos para contar acerca desse cultivador da vitalidade, porém um será continuamente lembrado. Diante da “impassibilidade egoísta⁴⁸” da “Natureza” ele teve coragem de suplicar: “Viver somente, não te peço mais nada⁴⁹”.

Conclusão.

Enquanto muitos olhavam do mundo o céu, desejando-o sem desejarem-se, Brás Cubas olha para a terra desejando-a, desejando-se e se querendo desejado. Essa é sua escatologia, esse foi nosso intento: indicar o vitalismo como horizonte de realização espiritual. Para tanto, enfrentamos filosófica e epistemologicamente a teologia na dinâmica do diálogo com a literatura compreendendo os desafios colocados nessa relação e, também, as oportunidades delineadas.

Guiados teoricamente por Gianni Vattimo tomamos a senda da “libertação da metáfora” e do “*pensiero debole*” como forma de ampliar as possibilidades de elocução do discurso teológico rumo ao universo hermenêutico onde religião e arte encontram-se em pé de igualdade no que diz respeito a serem lugares de erupção do sagrado que se manifesta como aquilo que é a densidade da vida.

Na narrativa machadiana surge do coração de Brás Cubas uma expressão imponderável desse sagrado: a vitalidade, o desejo de viver um pouco mais... E, sobre esse desejo de vitalidade pensamos novos lugares para a plenificação da vida, ou seja, uma nova forma de expressar a escatologia, que sem concordar topicamente com a tradição religiosa dos dias de Machado, expressa a mesma intenção de fundo da boa tradição cristã.

A escatologia afirmada por Brás Cubas é cristã em sua expressão mais intensa (porque liga-se a vida), porém o lugar de sua realização é que se encontra radicalmente deslocado do horizonte de um cristianismo oficial como aquele dos dias de Machado.

⁴⁸ Cf. Ibidem. P. 26.

⁴⁹ Ibidem. P. 27.